

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NO MERCADO INTERNACIONAL DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS ¹

JOSÉ MATHEUS YALENTI PEROSA²

RESUMO

As transformações da economia têm alterado padrões de oferta e demanda no mundo inteiro, induzindo nova postura das empresas na conquista e manutenção de mercados. Essa postura implica um posicionamento estratégico que possibilita uma reorganização do sistema produtivo, no estabelecimento de parcerias e participação competitiva nos diversos mercados. Embora de pequena expressão nas exportações brasileiras, flores e plantas ornamentais têm uma participação sedimentada no comércio mundial. Este estudo teve por objetivo disponibilizar informações sistematizadas sobre a participação brasileira no mercado internacional no período 1992-2002, assim como proceder a uma avaliação das ações implementadas pelo programa *FloraBrasilis* de promoção das exportações de flores e plantas ornamentais. A evolução da participação brasileira mostra um comportamento diferenciado para os diversos tópicos que compõem os produtos exportados. O Brasil apresenta evolução negativa do saldo comercial no setor, indicativo de perda de competitividade em segmentos desse mercado.

1. INTRODUÇÃO

Transformações ocorridas na economia mundial têm colocado novas e importantes questões a empresas participantes de cadeias agroindustriais. A

incorporação de inovações tecnológicas, a abertura de mercados e a integração de processos produtivos colocam novas demandas a sua participação nos mercados interno e externo.

Essas demandas induzem a aquisição de competitividade, individualmente e no âmbito de sistemas produtivos. A postura das empresas ante essas demandas está relacionada à capacidade individual e ao sistema produtivo em participar de processos mais ou menos cooperativo e custoso. A fluidez do ambiente concorrencial implica a necessidade de uma visão dinâmica da competitividade, ultrapassando a visão estática das vantagens adquiridas (FARINA, 1997).

A busca de competitividade demanda ações de curto e longo prazo. LAGO & BATALHA (1997) analisam o *marketing* como uma ferramenta importante à participação das empresas num mercado competitivo. *Marketing* operacional, de curto prazo, e *marketing* estratégico, de longo prazo. Estudos referentes à cadeia de flores e produtos de floricultura têm colocado a necessidade de estabelecer uma estratégia de participação tanto no mercado interno como no externo.

No mercado interno, o segmento de flores e plantas ornamentais tem-se caracterizado por um ambiente fortemente concorrencial. Até meados dos anos noventas, a posição dos produtores era relativamente confortável, com mercado demandante. A integração de mercados regionais e a abertura exter-

¹ O presente artigo teve como referência trabalho anteriormente publicado (PEROSA, 2001) e contou com a colaboração de Francisco Bongers (Diretor de Mercados do IBRAFLOR), incorporando resultados publicados no relatório de pesquisa de campo levada a efeito pelo IBRAFLOR.

² Departamento de Gestão e Tecnologia Agroindustrial – Faculdade de Ciências Agrônomicas – Câmpus de Botucatu – UNESP - Fazenda Experimental Lageado. Caixa Postal 237. 18603-970 Botucatu (SP). E-mail: dede@fca.unesp.br

na aumentaram a competição, induzindo alguns segmentos a uma concorrência muitas vezes predatória (AKI, 2000).

Nesse espaço de atuação, o conhecimento adquire muita importância. Para as empresas e para os sistemas produtivos, o desafio não se restringe a produzir mais, melhor e barato, mas, também, usar o conhecimento na definição de estratégias de ação e de avaliação das ações implementadas (QUELOPANA, 2001).

O mercado externo constitui alternativa a mais de crescimento do setor. Nesse sentido, a disponibilidade de informações torna-se relevante na análise e tomada de decisões, assim como na avaliação de ações já implementadas.

Este artigo teve por objetivo disponibilizar informações sistematizadas sobre a participação brasileira no mercado internacional a partir dos anos noventa, assim como proceder a uma avaliação das ações implementadas pelo programa *FloraBrasilis*, de promoção das exportações de flores e plantas ornamentais.

2. MATERIAL E MÉTODO

Competitividade é aqui entendida como a “...*capacidade sustentável de sobreviver e, de preferência, crescer nos mercados concorrentes ou em novos mercados*” (JANK & NASSAR, 2000, p.141). No presente estudo, adotou-se a evolução da participação brasileira no mercado mundial como um indicador de desempenho. É um indicador de resultado e reflete a competitividade passada, mostrando a adequação do setor aos padrões de concorrência no mercado de que participa, com a vantagem de condensar inúmeros fatores que refletem o desempenho do setor.

A competitividade é também determinada pela capacidade de inovação em tecnologia e formação de capital humano, assim como pela capacidade de coordenação da cadeia produtiva em definir e viabilizar estratégias competitivas nos mercados de que participa. Nesse sentido, utilizaram-se trabalhos já publicados como suporte de análise para avaliação

do programa de promoção de exportações *FloraBrasilis*.

Para análise da participação brasileira no mercado internacional de flores e plantas ornamentais, empregaram-se dados publicados pela Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior. O período analisado compreende os anos de 1992 a 2002. A totalidade das exportações de flores e plantas ornamentais se encontra agregada no Capítulo 6 - Plantas Vivas e Produtos de Floricultura, na Seção II – Produtos do Reino Vegetal.

Dada a grande heterogeneidade dos produtos que compõem o capítulo 6, procurou-se trabalhar com dados desagregados. O primeiro nível de desagregação sistematiza informações dos quatro códigos que totalizam o capítulo: 0601, 0602, 0603 e 0604³. O segundo nível de desagregação dos dados sistematiza informações dos principais tópicos que compõem cada código analisado.

Construíram-se tabelas referentes aos principais tópicos de cada código citado, sua evolução, taxa de crescimento e participação no total exportado. Da mesma forma, elaborou-se uma tabela com os principais países importadores no período.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

ALMEIDA & AKI (1995) indicam que o Brasil exportava, no início dos anos noventa, cerca de 10% do que produzia de flores e plantas ornamentais representando as exportações brasileiras de flores apenas 0,25% do comércio mundial.

As exportações brasileiras desse segmento estão incluídas no capítulo 6 – Plantas Vivas e Produtos de Floricultura, e representam parcela de pouca expressão no comércio exterior do País. Enquanto as exportações no ano 2000 totalizaram 58 bilhões de dólares e aquelas referentes aos principais complexos agropecuários, 7,6 bilhões de dólares, as exportações do capítulo 6 foram apenas de 11,9 milhões de dólares.

³ Código 0601 – Bulbos, tubérculos, raízes tuberosas, rebentos e rizomas em repouso vegetativo, em vegetação ou em flor, mudas, plantas e raízes de chicória, exceto as raízes da posição 1212;

Código 0602 – Outras plantas vivas (incluídas as suas raízes), estacas e enxertos, micélios de cogumelo;

Código 0603 – Flores e seus botões, cortados para buquês (ramos) ou para ornamentação, frescos, secos, branqueados, tingidos, impregnados ou preparados de outro modo;

Código 0604 – Folhagens, folhas, ramos e outras partes de plantas, sem flores nem botões de flores, e ervas, musgos e líquens para buquês (ramos) ou para ornamentação, frescos, secos, branqueados, tingidos, impregnados ou preparados de outro modo.

A Tabela 1 mostra o comportamento das exportações no período, desagregando o capítulo 6 nos quatro códigos que o compõem.

Os dados revelam um comportamento diferenciado para cada grupo de produtos: as exportações de produtos do código 0601 (24% do total), mostram um crescimento contínuo, com queda apenas em 1993 e 2000. Já os produtos do código 0602, responsáveis por mais da metade do total exportado no período (52%), indicam um comportamento oscilante, mas crescente no período considerado. Os produtos do código 0603, responsáveis por cerca de 17% do total exportado no período, mostram uma tendência de queda, mais pronunciada em 2000. Embora de menor expressão no total exportado (7%), os produtos do código 0604 aumentaram significativamente sua participação nos anos recentes.

Alguns fatos ajudam a entender o comportamento dos diversos códigos do capítulo 6 no período analisado. No início da década dos noventa, até 1995, houve uma significativa exportação de rosas da empresa Brasil Flowers de Barbacena (MG). Essa empresa encerrou suas atividades em 1995, provocando uma queda substancial nas exportações do grupo 0603. Outro fato a ser destacado é que, a partir de 1994, houve um acréscimo significativo nas exportações de mudas de crisântemos classificados no grupo

0602. Já no 0601, há um crescimento contínuo sustentado principalmente pela exportação de bulbos de gladiolos e amarílis.

Na análise das exportações no período, deve-se ter em conta os efeitos da desvalorização cambial ocorrida no início de 1999. Assim, é interessante notar o crescimento das exportações de 1998 para 1999 de todos os códigos que compõem o capítulo 6. No entanto, a competitividade dos produtos nacionais, influenciada pela desvalorização, não se manteve igualmente em 2000: apenas as exportações do código 0604 mostram um crescimento, com queda nos demais, indicativo da existência de vantagens comparativas diferenciadas para os produtos desse capítulo. Nos anos seguintes, 2001 e 2002, observa-se uma retomada do crescimento do valor exportado.

A última coluna relaciona a participação anual, tendo como referência a média de todo o período considerado. Observa-se um comportamento instável, com tendência crescente nos anos recentes.

Os resultados diferenciados das exportações apontam a participação brasileira reduzindo suas exportações em segmentos específicos e aumentando em outros. Tal constatação pode constituir indicativo de uma possível especialização, objetivando participar de segmentos do mercado internacional.

Tabela 1. Exportações brasileiras de produtos do capítulo 6, em US\$ FOB, de 1992 a 2002

Ano	0601	0602	0603	0604	Total	1992 = 100
1992	1.345.090	4.933.745	4.838.637	588.721	11.658.592	100,0
1993	3.055.113	4.450.928	4.851.036	864.360	13.220.767	113,4
1994	2.507.474	6.038.955	3.211.608	876.927	12.634.964	108,4
1995	2.717.610	7.344.331	3.018.299	823.508	13.903.748	119,3
1996	2.764.534	6.993.918	1.577.834	517.109	11.851.295	101,7
1997	2.935.866	6.221.302	1.288.884	452.696	10.898.748	93,5
1998	3.522.670	6.965.127	1.156.748	376.134	12.020.679	103,1
1999	4.051.583	7.134.409	1.252.485	558.255	12.996.732	111,5
2000	3.197.158	6.623.616	443.098	1.577.553	11.841.425	101,6
2001	3.346.885	7.411.541	554.891	1.891.595	13.204.912	113,3
2002	4.004.551	8.226.574	1.226.391	1.466.799	14.924.315	128,0
Total	33.448.534	72.344.446	23.369.540	9.993.657	139.156.177	
Porcentagem	24,04	51,99	16,79	7,18	100,00	
Taxa anual de crescimento do cap. 6			3,9			

Fonte: Elaborada a partir de dados do Alice/Secex/MDIC.

Fatores de ordem técnica e de gestão devem ser considerados nessa possível especialização. Em primeiro lugar, a implementação de *Joint-ventures* com empresas do exterior que viabilizam o acesso a material genético de última geração e penetração nos mercados de primeira linha. Na mesma linha de raciocínio, a adoção de inteligência administrativa com foco no resultado econômico e financeiro, a gestão de planejamento orientado pelas necessidades do mercado e a adoção de tecnologias de ponta no processo produtivo.

Dado que o valor está intimamente relacionado às variações da taxa de câmbio, o comportamento das exportações apresentado na Tabela 1 pode apresentar esse viés determinado por mudanças na política cambial. Nesse sentido, é importante observar o comportamento das quantidades exportadas de produtos do capítulo 6. A Tabela 2 mostra a evolução da quantidade exportada.

Tomando 1992 como ano-base (=100), observa-se uma evolução positiva da quantidade exportada: entre os anos de ponta, essa evolução foi de mais de 100%. A implantação do Plano Real em 1994, com uma política de valorização da moeda nacional, reduziu a competitividade e a quantidade exportada de plantas vivas e produtos de floricultura: entre 1993 e 1994, a redução observada foi significativa, de aproximadamente 24%. Da mesma forma, a desvalorização cambial de 1999 constitui outro ponto de inflexão: observa-se um salto nas exportações de cerca de 30% entre 1998 e 1999, com tendência crescente a partir de então.

No que se refere ao código 0601, observa-se, para alguns produtos, um aumento no preço médio de exportação, em dólares, a partir de 1999. É o caso de bulbos, tubérculos e rizomas em repouso vegetativo, cujo preço por unidade exportada praticamente dobrou entre 1998 e os anos seguintes.

Alguns produtos do código 0602, como mudas de orquídeas, revelam redução da quantidade exportada no período, mas, também nesse caso, aumento significativo, em dólares, do preço médio por unidade.

Já os produtos do código 0603 tiveram uma redução significativa na quantidade exportada no período, com recuperação moderada pós-1999. Foi constatado um crescimento da quantidade exportada de flores e seus botões, frescos e cortados para buquês.

Embora de menor expressão no total, os produtos do código 0604 apresentaram maior crescimento na quantidade exportada, notadamente após a desvalorização cambial de 1999. Nesse código, destacam-se as exportações de folhagem, folhas, ramos de plantas secos para buquês.

Nesse grupo, classificam-se muitos produtos que têm sustentação produtiva no extrativismo, onde a capacidade de uma comercialização estruturada nesse segmento seja bastante primária, observa-se uma resposta positiva às mudanças no mercado.

As importações de produtos do capítulo 6 apresentam uma evolução positiva no período. A Tabela 3 mostra essa evolução, desagregada nos quatro códigos que o compõem.

Tabela 2. Quantidade exportada de produtos do capítulo 6 - PLANTAS VIVAS E PRODUTOS DE FLORICULTURA - 1992-2002 - em quilograma

Ano	0601	0602	0603	0604	Total	Índice
1992	616.224	816.584	914.229	274.506	2.621.543	100,0
1993	2.245.433	383.284	978.725	449.975	4.057.417	154,8
1994	1.848.761	86.040	824.091	368.623	3.127.515	119,3
1995	1.635.203	3.275	660.477	246.204	2.545.159	97,1
1996	3.183.250	1.026.044	720.397	184.992	5.114.683	195,1
1997	2.016.229	975.727	346.246	177.345	3.515.547	134,1
1998	2.257.519	1.049.854	277.291	147.027	3.731.691	142,3
1999	2.858.857	1.030.079	322.282	280.629	4.491.847	171,3
2000	2.683.859	983.029	106.596	798.460	4.571.944	174,4
2001	2.869.886	1.134.670	211.547	770.481	4.986.584	190,2
2002	2.940.246	1.333.018	417.862	773.916	5.465.042	208,5

Fonte: Elaborada a partir de dados do Alice/Secex/MDIC.

Tabela 3. Importações brasileiras de produtos do capítulo 6, em US\$ FOB, de 1992 a 2002

Ano	0601	0602	0603	0604	Total	1992 = 100
1992	306.617	288.983	36.906	26.238	658.744	100,0
1993	257.462	634.358	75.982	10.700	978.502	80,6
1994	344.631	992.638	413.570	30.389	1.781.228	112,7
1995	466.556	2.541.835	2.216.567	86.611	5.311.569	166,2
1996	726.991	2.495.742	2.867.866	90726	6.181.325	245,7
1997	695.189	1.525.271	3.167.487	173.950	5.561.897	261,1
1998	923.505	1.926.226	4.239.189	65.974	7.154.894	297,3
1999	1.140.619	1.424.469	1.883.025	55.333	4.503.446	359,3
2000	1.466.628	1.888.682	1.665.672	64.827	5.085.809	460,1
2001	1.818.930	1.820.477	1.492.737	37.747	5.169.891	557,8
2002	2.392.342	2.618.765	1.313.688	40.227	6.365.022	730,8
Total	9.164.204	13.699.632	16.629.664	528.784	40.022.284	
Porcentagem	22,90	34,23	41,55	1,32	100,00	

Fonte: Elaborada a partir de dados do Alice/Secex/MDIC.

Da mesma forma que as exportações, as importações desse capítulo apresentam comportamento diferenciado no período de análise. Os códigos 0601 e 0602 mostram uma tendência crescente, mesmo com os efeitos da desvalorização ocorrida em 1999. Já o 0603, com um comportamento crescente entre 1992 e 1998, tem uma queda extremada a partir de 1999. Da mesma forma é o comportamento do código 0604, com crescimento até 1997 e queda nos anos seguintes.

É interessante notar que os códigos que mais cresceram nas exportações (0601 e 0602), são aqueles cujas importações também se destacaram. Especialistas da área de comércio exterior indicam que nesses segmentos têm-se verificado parcerias com empresas do exterior viabilizando o acesso a material genético (importações) e garantias de colocação dos produtos nos mercados de primeira linha (exportações). Essas parcerias já se iniciaram antes da introdução da Lei de Cultivares no Brasil, em 1997, e a maior dificuldade hoje é coibir a reprodução de material genético de forma clandestina no País.

Considerando a participação no mercado como um indicador de competitividade, se de um lado é observado um crescimento das exportações, essa vantagem deve ser amenizada quando se observa um crescimento das importações.

No agregado, verifica-se uma queda no saldo da balança comercial dos produtos do capítulo 6 até 1998, com recuperação nos anos seguintes, como mostrado na Tabela 4. Esse comportamento está vinculado à desvalorização cambial ocorrida em 1999, aumentando a competitividade de alguns produtos no exterior.

Tabela 4. Saldo do comércio exterior brasileiro com produtos do capítulo 6, em US\$ FOB, de 1992 a 2002

Ano	Exportação	Importação	Saldo	1992 = 100
1992	11.706.193	658.744	11.047.449	100,0
1993	13.221.437	978.502	12.242.935	110,8
1994	12.634.964	1.781.228	10.853.736	98,2
1995	13.903.748	5.311.569	8.592.179	77,8
1996	11.853.395	6.181.325	5.672.070	51,3
1997	10.898.748	5.561.897	5.336.851	48,3
1998	12.020.679	7.154.894	4.865.785	44,0
1999	12.996.732	4.503.446	8.493.286	76,9
2000	11.841.425	5.085.809	6.755.616	61,2
2001	13.204.912	5.169.891	8.035.021	72,7
2002	14.924.315	6.365.022	8.559.293	77,5

Fonte: Elaborada a partir de dados do Alice/Secex/MDIC.

A última coluna da Tabela 4 mostra a evolução do saldo comercial tendo como base o ano de 1992. Os dados indicam uma queda acentuada do saldo com a implantação do Plano Real em 1994, e uma recuperação, sem alcançar os valores de 1992/93, a partir de 1999. De modo geral, comportamento tal indica um baixo nível de competitividade de muitos desses produtos com a abertura econômica. As exportações não crescem de forma tão significativa como as importações.

Uma vez que os dados de comércio exterior dos diversos códigos do capítulo 6 mostram um comportamento heterogêneo, torna-se importante uma desagregação maior dos produtos que compõem cada código.

As Tabelas 5, 6, 7 e 8 mostram a evolução das exportações dos principais produtos que compõem os códigos 0601, 0602, 0603 e 0604 respectivamente.

O código 0601 é responsável por 23,4% do valor médio das exportações do capítulo 6 no período analisado.

Os tópicos que compõem o código 0601 foram reclassificados no período: os produtos dos tópicos 0601.10.9900 e 0601.10.0100 passam a compor o

tópico 0601.10.00 em 1997. Este último representa a quase totalidade das exportações desse código, com um comportamento crescente até 1999 e uma involução no ano 2000: a taxa de crescimento anual das exportações desse tópico foi de 4,3%. O tópico 0601.20.00 tem pouca expressão. Observa-se, pela última coluna, uma tendência crescente das exportações no período.

A Tabela 6 apresenta os produtos que compõem o código 0602. As exportações dos produtos desse código representaram cerca de 52% do total relativo ao período de 1992 a 2000.

Os produtos que compõem os quatro tópicos listados na Tabela 6 representam a quase totalidade exportada do código 0602 no período considerado. A última coluna mostra o comportamento anual das exportações totais, indicando uma tendência crescente até 1995 e uma oscilação a partir de então, sem uma definição clara de tendência. A desvalorização cambial de 1999 pode ter influenciado o crescimento das exportações nesse ano, mas não manteve o valor exportado em 2000. A queda não indica uma perda de competitividade desses produtos no exterior: a quantidade exportada dos tópicos selecionados

Tabela 5. Exportações brasileiras de produtos do código 0601, em US\$ FOB, de 1992 a 2002

Ano	0601.10.9900	0601.10.0100	0601.10.00	0601.20.00	Total	1992 =100
1992	731.075	614.015	–	0	1.345.090	100,0
1993	892.734	2.162.379	–	0	3.055.113	227,1
1994	559.404	1.948.070	–	120	2.507.594	186,4
1995	551.507	2.166.103	–	0	2.717.610	202,0
1996	–	–	2.764.534	0	2.764.534	205,5
1997	–	–	2.914.266	21.600	2.935.866	218,3
1998	–	–	3.522.670	0	3.522.670	261,9
1999	–	–	4.051.583	0	4.051.583	301,2
2000	–	–	3.197.038	120	3.197.158	237,7
2001	–	–	3.346.885	0	3.346.885	248,8
2002	–	–	4.004.551	0	4.004.551	297,7
Total	2.734.720	6.890.567	23.801.527	21.840	33.448.654	–
Porcentagem do total	8,18	20,60	71,16	0,07	100,00	–

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados Secex/Siscomex/MDIC.

0601.10.9900: Outros bulbos, tubérculos e raízes, em repouso.

0601.10.0100: Bulbos de begônias, gladiolos, etc., em repouso.

0601.10.00: Bulbos, tubérculos etc., em repouso.

0601.20.00: Bulbos, tubérculos etc., em vegetação, em flor e mudas.

Tabela 6. Exportações brasileiras de produtos do código 0602, em US\$ FOB, de 1992 a 2002

Ano	0602.10.9900	0602.90.29	0602.99.0103	0602.99.0199	Total	1992 = 100
1992	3.279.146	–	1.383.358	89.416	4.933.745	100,0
1993	1.097.434	–	3.057.291	54.327	4.450.928	90,2
1994	40.709	–	5.527.060	113.278	6.038.955	122,4
1995	–	–	6.813.129	228.073	7.344.331	148,9
1996	–	6.744.978	–	37.989	6.993.918	141,8
1997	–	5.985.741	–	0	6.221.302	126,1
1998	–	6.671.140	–	50.152	6.965.127	141,2
1999	–	6.835.808	–	113.961	7.134.409	144,6
2000	–	6.441.770	–	100.649	6.623.616	134,3
2001	–	7.324.844	–	27.999	7.411.541	150,2
2002	–	8.170.935	–	5.860	8.226.574	166,7

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados Secex/Siscomex/MDIC.

0602.10.9900: Estacas não enraizadas, enxertos, exceto dracena.

0602.90.29: Outras mudas de plantas ornamentais, exceto orquídea.

0602.99.0103: Mudas de plantas ornamentais, exceto orquídea.

0602.99.0199: Qualquer outra muda de planta.

passou de aproximadamente 290 para 310 mil unidades, com uma queda do preço médio. Não há informações disponíveis para se saber o quanto dessa queda se deve à redução dos preços internacionais em 2000, ou se os produtos exportados são de tipo e/ou qualidade inferior.

Os produtos do tópico 0602.99.0103 foram reclassificados com o número 0602.90.29 a partir de 1996. Eles representaram a grande maioria do total exportado, com tendência crescente no período. O comportamento das exportações desse tópico é crescente, com alguns anos de queda. Não há, nesse caso, uma influência tão marcante da política cambial. Ele se compõe de mudas de plantas ornamentais em geral, indicando um mercado importante a ser explorado.

A Tabela 7 mostra o comportamento das exportações de produtos que compõem o código 0603, responsável por 16,2% do total exportado de Plantas e Produtos de Floricultura no período considerado.

Os tópicos selecionados que compõem a tabela são os mais representativos do código 0603. A partir de 1996, o principal tópico (0603.10.0100) deixa de registrar qualquer exportação, devendo, a partir desse ano, estar incluso nos outros tópicos.

A evolução das exportações mostra uma tendência claramente definida de queda. Mesmo a desvalorização cambial não consegue alterar essa tendência, apesar da pequena recuperação observada em 2002.

Da mesma forma que as anteriores, a Tabela 8 apresenta exportações de produtos dos principais tópicos que compõem o código 0604.

Dos quatro códigos que totalizam o capítulo 6 - Plantas vivas e produtos de Floricultura - esse é o de menor expressão, apenas com 7% do total exportado no período.

Também nesse caso, observa-se uma tendência de queda das exportações até 1998. A diferença em relação ao código 0603 é a recuperação a partir de 1999. Os produtos que alavancaram essa reação das exportações nos dois últimos anos foram os referentes a folhas, folhagens e ramos frescos para buquês e ornamentação, e os de folhas, folhagens, ramos secos etc. para buquês. É interessante notar que esses produtos constituem matéria-prima para um posterior “processamento” em arranjos florais e afins, e não o produto já “processado”, com a respectiva agregação de valor.

Pesquisa de campo recente discrimina os produtos exportados. Na Tabela 9, encontra-se exportação por Estado. Quase a metade dos produtos exportados é de São Paulo (47,5%), seguido de Minas Gerais (15,3%). Os dados parecem indicar uma certa especialização, no que tange ao número de produtos exportados, dos pólos mais recentes. Essa indicação, entretanto, pode estar ligada apenas ao número de exportadores, maior em São Paulo do que nos demais estados.

Tabela 7. Exportações brasileiras de produtos do código 0603, em US\$ FOB, de 1992 a 2002

Ano	0603.10.0100	0603.90.0100	0603.90.00	0603.10.00	Total	1992 = 100
1992	3.130.146	1.169.141	—	—	4.838.637	100,0
1993	3.392.566	695.706	—	—	4.851.036	100,3
1994	2.009.608	863.284	—	—	3.211.608	66,4
1995	1.895.354	902.913	—	—	3.018.299	62,4
1996	243.332	1.157.418	—	—	1.577.834	32,6
1997	—	—	1.026.722	262.162	1.288.884	26,6
1998	—	—	991.316	165.432	1.156.748	23,9
1999	—	—	1.096.076	156.409	1.252.485	25,9
2000	—	—	128.388	314.710	443.098	9,2
2001	—	—	8.907	545.984	554.891	11,5
2002	—	—	19.772	1.206.619	1.226.391	25,3

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados Secex/Siscomex/MDIC.

0603.10.0100: Rosas, botões frescos, cortados, para buquês ornamentais.

0603.90.0100: Flores e botões secos, cortados, para ornamentação.

0603.90.00: Flores e botões cortados para buquês, ou para ornamentação.

0603.10.00: Flores e botões cortados para buquês, ou para ornamentação.

Tabela 8. Exportações brasileiras de produtos do código 0604, em US\$ FOB, de 1992 a 2000

Ano	0604.10.00	0604.91.00	0604.99.00	Total	Média = 100
1992	51.299	419	537.003	588.721	100,0
1993	55.802	7.308	801.250	864.360	146,8
1994	23.043	2.058	851.826	876.927	149,0
1995	71.569	0	751.939	823.508	139,9
1996	61.133	0	455.976	517.109	87,8
1997	51.878	0	400.818	452.696	76,9
1998	95.450	1.979	278.705	376.134	63,9
1999	108.347	54.939	394.969	558.255	94,8
2000	84.649	479.729	1.013.175	1.577.553	268,0
2001	99.327	587.062	1.205.206	1.891.595	321,3
2002	136.146	325.981	1.004.672	1.466.799	249,2

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados Secex/Siscomex/MDIC.

0604.10.00: Musgos e líquens para buquês ou ornamentação.

0604.91.00: Folhas, folhagens e ramos frescos para buquês e ornamentação.

0604.99.00: Folhas, folhagens, ramos secos, etc. para buquês.

Tabela 9. Produtos exportados, por unidade da Federação

Categoria	CE	MG	PE	RS	SC	SP	Total
Flores de corte	3	7	6	1	11	28	—
Folhagens de corte	2	1	3	—	—	—	—
Flores em vaso	—	2	—	3	2	—	7
Folhagens em vaso	—	—	—	—	1	—	1
Mudas de plantas ornamentais	—	—	—	—	—	5	5
Outros	—	—	—	1	2	12	15
Total geral	5	9	7	5	5	28	59
Total, %	8,5	15,3	11,9	8,5	8,5	47,5	100,0

Fonte: Relatório IBRAFLOR - Pesquisa de campo 2002.

A Tabela 10 apresenta os países de destino das exportações brasileiras do capítulo 6, discriminadas nos quatro códigos que o compõem.

Os dados coletados dos principais países importadores representam 85,96% do total exportado. Em alguns casos, como no Japão, por exemplo, houve exportações de produtos dos códigos 0602, 0603 e 0604, mas, em vista da pouca importância relativa, não foram consideradas.

Os dados mostram que, nesse período, as exportações para os Países Baixos (principalmente bulbos) representaram mais da metade do total exportado. As exportações para esse país bem como aquelas verificadas para a Itália (principalmente mudas de

Tabela 10. Principais países de destino das exportações brasileiras de plantas vivas e produtos de floricultura, em dólares e porcentagem, no período de 1992 a 2000

	Código 0601	Código 0602	Código 0603	Código 0604	Total	%
Alemanha	–	–	10.482.836	688.972	11.171.808	10,03
Argentina	182.165	3.106.969	1.607.860	–	4.896.994	4,40
Espanha	–	–	–	587.836	587.836	0,53
Estados Unidos	704.576	1.896.672	2.380.352	698.612	5.680.212	5,10
Itália	–	11.046.520	1.241.245	1.850.253	14.138.018	12,70
Japão	21.600	–	–	–	21.600	0,02
México	883.211	–	–	–	883.211	0,79
Países baixos	23.375.689	30.196.976	1.655.457	961.410	56.189.532	50,47
Reino Unido	–	1.263.461	–	51.980	1.315.441	1,18
Suiça	–	–	–	146.322	146.322	0,13
Uruguai	132.051	–	546.602	–	678.653	0,61
Total, %	23,4	51,2	19,4	6,0	100,0	–
Total exportado	26.097.218	56.969.498	21.638.629	6.635.263	111.340.608	100,00

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados Secex/Siscomex/MDIC.

crisântemo) e Alemanha (sobretudo rosas) são responsáveis por cerca de 10,03% do total. Os EUA participaram com 5,10% das importações, valor próximo do verificado para a Argentina, 4,40%.

Características do exportador brasileiro de flores e plantas ornamentais.⁵

A Tabela 11 mostra a participação por Estado dos exportadores de flores e plantas ornamentais entrevistados. Mais da metade deles se encontram no Estado de São Paulo, seguido de Minas Gerais (20,7%), Ceará e Santa Catarina (10,3% cada um). Os dados indicam uma correlação com o local da produção, tendo São Paulo como maior produtor.

Tabela 11. Número de exportadores por estado e participação relativa

Estado	Total	%
Ceará	3	10,3
Minas Gerais	6	20,7
Pernambuco	1	3,4
Rio Grande do Sul	1	3,4
Santa Catarina	3	10,3
São Paulo	15	51,7
Total geral	29	100,0

Fonte: Relatório IBRAFLOR - Pesquisa de campo 2002.

Na Tabela 12, encontra-se essa localização por município, indicando focos de atividades voltadas para a exportação.

Tabela 12. Número de exportadores por município e participação relativa

Município	Total	%
Andradas (MG)	4	13,8
Holambra (SP)	4	13,8
Santo Antônio da Posse (SP)	3	10,3
Artur Nogueira (SP)	2	6,9
Atibaia (SP)	2	6,9
Corupa (SC)	2	6,9
Fortaleza (CE)	2	6,9
Antônio Carlos (MG)	1	3,4
Barbacena (MG)	1	3,4
Bragança Paulista (SP)	1	3,4
Joinville (SC)	1	3,4
Mogi Guaçu (SP)	1	3,4
Paulista (PE)	1	3,4
Rio Claro (SP)	1	3,4
Santo Antônio do Jardim (SP)	1	3,4
São Benedito (CE)	1	3,4
Vacaria (RS)	1	3,4
Total geral	29	100,0

Fonte: Relatório IBRAFLOR - Pesquisa de campo 2002.

⁵ As informações aqui apresentadas são provenientes do relatório do IBRAFLOR do Diagnóstico da Cadeia de Flores e Plantas Ornamentais

Os dados sobre evolução das exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais apresentaram uma tendência de crescimento claramente definida - pós - 1999 (Tabela 1). Os exportadores entrevistados confirmam esses resultados. A Tabela 13 mostra que 17 deles informaram estar aumentando suas exportações nos últimos anos, o que representa, aproximadamente, 60% do total.

Tabela 13. Crescimento das exportações pelos exportadores entrevistados

Estado	Não informou	Não	Sim	Total geral
Ceará	–	2	1	3
Minas Gerais	–	2	4	6
Pernambuco	–	–	1	1
Rio Grande do Sul	–	–	1	1
Santa Catarina	1	–	2	3
São Paulo	2	5	8	15
Total geral	3	9	17	29
Total, %	10,3	31,0	58,6	100,0

Fonte: Relatório IBRAFLOR - Pesquisa de campo 2002.

Os exportadores há mais tempo no mercado encontram-se no Sul: Santa Catarina (média de 25 anos) e Rio Grande do Sul (média de 10 anos). Novos pólos de produção no Nordeste ainda têm pouca tradição nas exportações (menos de 3 anos no mercado), e no Estado mais importante em volume exportado, São Paulo, a participação dos entrevistados no mercado externo é de menos de 10 anos. A Tabela 14 mostra que a presença no mercado internacional tem

uma tradição solidificada por apenas parte dos exportadores.

Tabela 14. Tempo médio de participação no mercado internacional dos entrevistados, por Estado (anos)

Estado	Total
Ceará	2,3
Minas Gerais	2,2
Pernambuco	1,0
Rio Grande do Sul	10,0
Santa Catarina	25,3
São Paulo	8,8
Média geral	8,2

Fonte: Relatório IBRAFLOR - Pesquisa de campo 2002.

Essa análise foi feita com base nos exportadores atualmente ativos no mercado e não contempla as empresas que compõem a estatística do passado, e que já não operam no comércio exterior.

A Tabela 15 mostra a participação dos exportadores em treinamentos e feiras no exterior, participação essa importante no sentido de formação dos exportadores para participarem competitivamente no mercado internacional.

Os dados da Tabela 15 mostram que os exportadores de estados com menor tempo de participação no mercado internacional (Tabela 14), têm uma participação mais incisiva em eventos no exterior, assim como em treinamentos. Esse resultado era esperado, uma vez que a falta de tradição no mercado pode ser em parte compensada com treinamento e presença nos eventos.

Tabela 15. Participação em treinamentos e feiras no exterior

Estado	Participação em treinamentos		Participação em feiras no exterior		Total de propriedades pesquisadas
	N.º	%	N.º	%	
Ceará	3	100,0	3	100,0	3
Minas Gerais	6	100,0	6	100,0	6
Pernambuco	1	100,0	1	100,0	1
Rio Grande do Sul	1	100,0	1	100,0	1
Santa Catarina	1	33,3	1	33,3	3
São Paulo	11	73,3	13	86,7	15
Total geral	23	79,3	25	86,2	29

Fonte: Relatório IBRAFLOR - Pesquisa de campo 2002.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento das exportações brasileiras de Plantas Vivas e Produtos de Floricultura oscilou no período considerado, seja em valor, seja em quantidade. A taxa de crescimento do total exportado foi de 3,9% ao ano. Já as importações revelam um comportamento crescente, com 21% ao ano.

A evolução da balança comercial indica uma evolução das trocas, com crescimento das exportações e das importações. Embora crescentes, as exportações não apontam um aumento da participação relativa do Brasil, uma vez que se observa um crescimento ainda maior das importações. Essa evolução é indicativa de uma perda de competitividade dos produtos de floricultura, mostrando a necessidade de ações de médio e de longo prazo para um crescimento ainda maior das exportações. Atentando-se para os últimos 3 anos, verifica-se um crescimento mais pronunciado da quantidade e do valor exportado, indicativo de ações coordenadas de instituições promotoras de exportação, casos do IBRAFLOR e da APEX.

Segundo estudos, são poucas as experiências no âmbito do setor em dotar a cadeia de uma capacidade de coordenar ações estratégicas visando à competitividade no longo prazo. Com exceção da Holambra, coordenando ações de curto e longo prazo para exportação, o desempenho do setor de flores e plantas ornamentais reflete a organização da cadeia, sem uma tendência definida de participação nos diversos segmentos de mercado, atuando de conformidade com conjunturas mais ou menos favoráveis.

Nossos principais parceiros comerciais são da Comunidade Econômica Européia, indicando a necessidade de estudos e ações que aumentem a competitividade dos produtos brasileiros naquele mercado. O crescimento das exportação para a Argentina, assim como a presença em menor escala do Uruguai, Paraguai e Chile, abrem perspectivas de exportações para países do Mercosul. A perspectiva de implantação de uma área de livre comércio nas Américas (ALCA), num futuro próximo, requer que se implementem ações a curto e a longo prazo nesse setor.

Torna-se, portanto, de fundamental importância implantar programas com ações continuadas como os desenvolvidos pelas instituições citadas, IBRAFLOR e APEX-SEBRAE, para promoção das exportações de flores.

Nesse aspecto, deverá ser dada especial atenção aos programas de capacitação para implementação

de ações coordenadas entre os produtores de forma a oferecer ao mercado produtos dentro das expectativas de mercado nos padrões e quantidades desejados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKI, A. O mercado de flores se GLOBRASILIZOU. E-mail, mensagem recebida por dede@fca.unesp.br em 2000.
- ALMEIDA, F.R.F. & AKI, A. Grande crescimento no mercado de flores. **Agroanalysis**. v.15, n.9, p.8-11, 1995.
- ARRUDA, S.T.; OLIVETTE, M.P.A. & CASTRO, C.E.F. Diagnóstico da floricultura no Estado de São Paulo. **Rev. Bras. Hortic. Orn.**, Campinas, v.2, n.2, p.1-18, 1996.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – MDIC, SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR – SECEX.
- CASTRO, C.E.F. Cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais. **Rev. Bras. Hortic. Orn.**, Campinas, v.4, n.1/2, p.1-46, 1998.
- FARINA, E.M.M.Q. Abordagem sistêmica dos negócios agroindustriais e a economia dos custos de transação. In: FARINA, E.M.M.Q.; AZEVEDO, P.F. & SAES, M.S.M. (Orgs.) **Competitividade: mercado, estado e organizações**. São Paulo: Singular, 1997. p.165-176.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORICULTURA. **Programa Brasileiro de Exportação de Flores e Plantas**. Campinas: IBRAFLOR, s/d. 3p. (Mimeografado.)
- PEROSA, J. M. Y. Competitividade do Brasil no mercado internacional de flores e plantas ornamentais. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON AGRICULTURE AND FOOD CHAIN NETWORKS, ECONOMICS AND MANAGEMENT, 3., 2001, Ribeirão Preto. **Anais... Economics and Management**, 2001. p. 1-11.
- QUELOPANA, E. M. Um estudo sobre a relação entre o conhecimento e a qualidade de decisão. **INOVA**, Bol. do Núcleo de Gestão Tecnológica da Universidade de São Paulo, ano VIII, n.º 25, p. 3, jan./fev./mço., 2001.
- SILVA, A. L. & BATALHA, M.O. Marketing estratégico aplicado a firmas agroindustriais. In: BATALHA, M.O. (Coord.). **Gestão agroindustrial**, São Paulo: Editora Atlas, 1997. v.1.
- ZYLBERSZTAJN, D. & FAVA NEVES, M. (Orgs.) **Economia & gestão dos negócios agroalimentares**. São Paulo: Ed. Pioneira, 2000.